

**TRANSGRESSÕES, DESCOBERTAS E DESILUSÕES AMOROSAS NO CONTO
“PRETINHA FUMEGANDO” DE JOÃO GILBERTO NOLL**

**TRANSGRESSIONS, DISCOVERIES AND LOVING DISAPPOINTMENTS IN
THE SHORT STORY “PRETINHA FUMEGANDO” BY JOÃO GILBERTO
NOLL**

José Dantas da Silva Júnior¹

Maria Aparecida da Costa²

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Resumo: Este artigo pretende realizar uma leitura do conto “Pretinha fumegando”, de João Gilberto Noll, sob a ótica das relações amorosas. Em meio a essa discussão, surgem as incertezas, desilusões e descobertas do ponto de vista amoroso e do ponto de vista crítico sobre a representação da mulher no conto em análise. Assim sendo, utilizamos como suporte teórico os seguintes autores: Bauman (2004); Ovídio (2006); Giddens (1993); Foucault (1995); Barthes (2003); Kristeva (1988) e Platão (2012). Além do mais, gostaríamos de pontuar que esta investigação é de cunho bibliográfico e tem como método de estudo a abordagem dedutiva interpretativa, corroborando com outras pesquisas na área de literatura. Por fim, quanto à análise, podemos perceber que a personagem principal permanecia, ao longo do conto, em uma espécie de inércia social e em constante desilusão amorosa que motivaram as recordações em tons de revolta, mas, por outro lado, desejava intensamente a paixão amorosa independente do objeto amoroso.

Palavras-chave: João Gilberto Noll; Pretinha fumegando; Relações amorosas.

¹ Doutorando em Letras pelo PPGL/CAMEAM/UERN com projeto de pesquisa na linha Texto Literário, Crítica e Cultura. Mestre em Letras pelo mesmo programa. Especialista em Docência da Língua Espanhola pela Faculdade Entre Rios do Piauí - FAERPI. Especialista em Literatura e Ensino pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - IFRN. Graduado em Letras Língua Espanhola e respectivas literaturas pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte- UFRN. Membro do Grupo de Estudos Críticos da Literatura - (GECLIT) e membro do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste (GELNE). Tem experiência em trabalhos relacionados com literatura, crítica e cultura, bem como em literatura e ensino. Foi professor substituto do curso de Língua Espanhola no campus central da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN e professor substituto do curso de Língua Espanhola na Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. Atualmente é professor efetivo da Secretaria de Estado da Educação, da Ciência e Tecnologia da Paraíba. Email: juniordantasletras@gmail.com

² Licenciada em Letras, Língua Portuguesa, pela Universidade Federal de Ouro Preto (2000); Bacharel em Estudos Literários pela Universidade Federal de Ouro Preto (2001); Mestre em Letras (área de concentração: Literatura Brasileira) pela Universidade Federal da Paraíba (2002) e doutora em Estudos da Linguagem (Área de concentração: Literatura Comparada) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2014), com Doutorado sanduíche na Faculdade de Letras - FLUC - Universidade de Coimbra - Portugal. Pós-doutorado na Universidade Federal do Rio Grande do Norte - 2019. Professora Adjunto IV na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras - PPGL - UERN. Membro do Grupo de Estudos Críticos da Literatura- GECLIT - e Membro do Grupo de Pesquisa em Literatura de Língua Portuguesa - GPORT. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Portuguesa. É autora do livro: A paz tensa da chama fugaz: a configuração do amor no romance contemporâneo, Lygia Fagundes Telles e Lúcia Jorge, (EdUFRN, 2015). Email: cidaminas@hotmail.com

Abstract: This paper aims to perform a lecture of the short story “Pretinha fumegando”, de João Gilberto Noll, upon the perspective of loving relationships. Amid this discussion, uncertainty, disappointments, and discoveries of the loving point of view and from the critical point of view appear on the representation of woman in the tale under analysis. Therefore, it was used the following authors as theoretical support: Bauman (2004); Ovídio (2006); Giddens (1993); Foucault (1995); Barthes (2003); Kristeva (1988) and Platão (2012). Moreover, this bibliographic investigation uses the interpretivist deductive approach, corroborating with other research in the field of literature. Finally, regarding to the analysis, it can be said that, during the tale, the main character remained in a kind of social inertia, as well as in a loving disillusion which motivated memories in tones of revolt, but, on the other hand, she intensely desired loving passion regardless the loving object.

Keywords: João Gilberto Noll; Pretinha fumegando; Loving relationships.

Submetido em 26 de dezembro de 2020.

Aprovado em 05 de julho de 2021.

Palavras introdutórias

Amar e ser amada é o desejo da protagonista do conto “Pretinha fumegando”, do livro *O cego e a dançarina*, de João Gilberto Noll, uma personagem que divaga em seus pensamentos ao longo de toda a narrativa. Ela se apresenta como uma mulher vingativa em função do seu relacionamento amoroso com Eduardo e da sua vida pessoal e profissional. Destacamos, no entanto, que o intuito deste artigo não é apresentar discussões sobre a biografia do autor ou tratar dos demais contos da obra *O cego e a dançarina*, pois trata-se de uma leitura sob a óptica das relações amorosas, dialogando com eixos temáticos como transgressões e descobertas.

Porém, enfatizamos que assim como nos outros contos da mesma obra, a personagem central é anônima, o que corrobora com as discussões de Costa Pinto (2005), em relação aos personagens principais das obras de João Gilberto Noll, uma das marcas do próprio estilo do autor. A narradora e protagonista pode ser definida, pela teoria de Norman Friedman (2002), como “narrador-protagonista”, pois a narração é limitada ao seu campo de visão, ou seja, aos seus sentimentos, destacando sobretudo uma corrente de desilusão, pois tanto o seu amado quanto Madame Nicole, patroa da protagonista, estimulam a criação de fantasias amorosas e pessoais:

Caiu-me o vestido rendado como uma luva, as minhas mãos estremecem ao alisar o tecido, e eu sou toda branca. **Embora me faltem alguns dentes**

e eu na verdade seja mulata, não há homem algum que me ame mais do que ele. Embora me falte a lógica que eu aprendi de Madame Nicole aos 13 anos esperando debutar no Clube das Rosas, **eu sou essa coisa que se redime cada vez que se olha no espelho e emite um sorriso de vingança.** Pois eu sou vingativa sim, ontem mesmo mordi a pele dele com tanta gana que ele precisou passar merthiolate e assoviar. Ele que diga da minha vingança. (NOLL, 2008, p. 59, grifos nossos).

As expectativas frustradas de Pretinha são narradas logo no início da narrativa. É possível perceber alguns elementos que sugerem a quebra significativa de seus desejos como, por exemplo, a possível promessa de um baile de debutante, incitado por Madame Nicole no Clube das Rosas, bem como a imagem da personagem ao usar e sentir um vestido branco, que pode remeter ao traje típico das noivas. É válido pensar nessa possibilidade quanto ao vestido, pois ela se diz bastante vingativa com as duas personagens, isto é, quanto às promessas de Eduardo e de Madame Nicole. O que nos leva a acreditar que a personagem cruza as situações de sua vida em um único momento da narrativa – composto por dois instantes do passado: o primeiro momento, aos 13 anos, com a espera pela festa de debutantes e o segundo com as sensações de uma noiva ao tocar o seu vestido branco, sugerindo, então, divagações de suas péssimas recordações pessoais e amorosas.

Observemos, então, como se desenvolve o enredo e a análise que traçamos a partir da leitura do conto “Pretinha fumegando”.

(Des) ilusões e caminho amoroso em direção ao vazio

As promessas que rondam o inconsciente de “Pretinha” a transformam em uma mulher desconfiada, pois parte de acontecimentos já vivenciados, mas ainda vivos em seu presente. Quanto às promessas, Bauman (2004) disserta que os relacionamentos são motivações compulsórias de uma sociedade que visa apenas o consumo imediato de suas realizações amorosas e financeiras, logo, a promessa não tem espaço na lógica consumista, são irrelevantes. No conto, cada personagem vive em seu mundo e com as suas expectativas, mas se entrelaçam no caminho conflituoso de Pretinha, uma personagem que é oprimida pelas ilusões de uma sociedade machista, preconceituosa e capitalista.

É válido, então, analisar os seguintes trechos: “[...] eu sou essa **coisa** que se redime cada vez que se olha no espelho e emite um sorriso de vingança [...] eu começo **a pensar em mim como uma coisa que podia ser** [...]” (NOLL, 2008, p. 59-62, grifos nossos). Essas passagens são significativas para a narrativa, pois a personagem se intitula como “coisa”,

não há um nome, mas àquilo que ela pode se transformar ao longo de sua vingança. Tal reflexão comunga, inclusive, com a definição de Ferreira (2000, p. 162), sobre o significado de coisa: “O que existe ou pode existir”. Notamos que no primeiro trecho, há, sim, essa vontade de vingança pelas promessas que motivaram as expectativas da personagem, já no segundo, observamos, com mais ênfase, a possibilidade de mutação, caso as promessas fossem uma realidade e não uma mentira, ou seja, ela poderia ter um nome, uma nova vida, uma identidade, se houvesse as concretizações das promessas e dos seus desejos.

As promessas fazem parte das habilidades de conquista dos amantes. Conforme Ovídio (2006), o homem deve seduzir a mulher, prometendo sem cansar, como um jogo de conquista que não preza o sentimento amoroso, mas as habilidades de possuir o que deseja mesmo que temporariamente. É, então, uma caçada com objetivos e táticas, que leva a mulher, quase sempre, à enganação e às promessas de uma vida a dois, cheia de realizações. Dessa forma, as promessas, obviamente, não são concretizadas, são parte de um mecanismo social em todas as áreas, uma vez que tanto Eduardo quanto Madame Nicole aparentemente prometem, a partir de suas ações, apenas com o intuito de usar Pretinha, uma jovem dotada de esperanças.

Além disso, notamos a crítica direcionada à representação de uma mulher que não corresponde ao padrão de beleza estabelecido por uma sociedade branca e de nível financeiro superior, pois quando a personagem inicia as suas divagações, apresenta pontos negativos em sua imagem: “[...] Embora me faltem alguns dentes e eu na verdade seja mulata, não há homem algum que me ame mais do que ele” (NOLL, 2008, p. 59). Ou seja, é como que se já estivesse enraizado um ideal de beleza que ela reconhece não ter e que até a cor vai de encontro a esse princípio, mas por outro lado, esse desacordo, aguça o desejo masculino.

É a cor e a simbologia sexual da personagem que observamos como fatores impulsionadores para a relação amorosa no conto “Pretinha fumegando”. É, também, uma transgressão de um possível ideal de beleza imposto socialmente e de concepções de que a mulher negra é objeto de desejo sexual. Podemos notar, desde o título, que a narrativa é carregada de estereótipos: uma personagem protagonista negra que “fumega”, isto é que ela sempre arde de amor, no sentido pejorativo, e de desejo de ter o objeto amado e a concretização das suas realizações pessoais.

Historicamente, desde a escravidão, a mulher negra foi sempre observada como

símbolo de sexualidade, conforme podemos notar nas discussões de Hooks:

[...] Mais que qualquer grupo de mulheres nesta sociedade, as negras têm sido consideradas ‘só corpo, sem mente’. A utilização de corpos femininos na escravidão como incubadoras para a geração de outros escravos era a exemplificação prática da ideia de que as ‘mulheres desregradas’ deviam ser controladas. Para justificar a exploração masculina branca e o estupro das negras durante a escravidão, a cultura branca teve que produzir uma iconografia de corpos de negras que insistia em representá-las como altamente dotadas de sexo, a perfeita encarnação de um erotismo primitivo e desenfreado (HOOKS, 1995, p. 469).

Nessa perspectiva, entendemos que as mulheres negras são associadas ao mecanismo de produção sexual, uma “profissão” destinada às mulatas, totalmente serventes do desejo masculino. No conto, a protagonista e narradora, é essa servente, atuando possivelmente como doméstica e vendedora na loja de eletrodomésticos, bem como no relacionamento tortuoso com Eduardo, sendo esperançosa e submissa das vontades de seu amante e da espera constante de uma nova vida. No entanto, ela se posiciona como uma mulher ativa, tentando romper os estereótipos a partir de suas táticas de vingança, porém apenas no campo da imaginação.

Sobre Eduardo e Madame Nicole, figuras representativas das vinganças da personagem, ela dialoga com os leitores, apresentando algumas características do seu amado e da sua indignação com a patroa:

É forte, másculo, colosso, tripudia tudo e todos, mas quando chega a hora de me amar me ama sem entender e confessa. **Por que não choro? Mas para que chorar se ele me ama?**. E depois dizem que sou inteligente, a Madame Nicole me ensinou francês, dizia que se eu me educasse ganharia mais que Luana em Paris. Mas Madame Nicole não passava de uma patroa como qualquer outra, era tão suficiente que sabia se masturbar de porta aberta. **Isso eu nunca contei pra ninguém, mas hoje eu conto por que ela merece** (NOLL, 2008, p. 59, grifos nossos).

O amante é descrito como um homem atraente por seu porte físico: um galã viçoso, que possivelmente se envolve com outras aventuras amorosas pela sua masculinidade, pela sua força e grandeza, mas que se rende à protagonista mesmo com as suas espertezas. De acordo com Giddens (1993, p. 79), “O apetite dos homens pelo sexo, com tantas parceiras quanto possível, seria simplesmente uma característica definidora de sua masculinidade”. Logo, apesar da narradora não apresentar as aventuras amorosas de Eduardo com outras mulheres, podemos inferir através das descrições da personagem, que ele é um homem que

vive ativamente a sua sexualidade, a sua masculinidade e apetite, sem qualquer apreço por ela, pois ele é tripudiador.

No entanto, devido às imprecisões de sua consciência, a personagem interrompe as descrições de Eduardo, com questionamentos sobre a veracidade da relação amorosa: “Mas pra que chorar se ele me ama?” (NOLL, 2008, p. 59); fluxos de consciência que induzem a personagem a narrar sobre as suas vinganças, com Madame Nicole e a inveja da vida burguesa de Luana, uma possível colega de trabalho, interligando às suas vivências amorosas. Podemos notar que a personagem tenta buscar formas de compreender a sua vida, pois é uma mulher usada por Eduardo, para as suas aventuras temporárias, e é iludida por pessoas próximas. Observemos, então, os seus tons ao falar do ex-esposo de Madame Nicole:

Madame Nicole morreu num desastre de avião lá em Paris e eu nunca mais soube de Monsieur Christophe, apenas que ele casou outra vez e entrou numa de dar a bunda nos mictórios públicos. Isto quem contou foi ele, não ele Monsieur Christophe, **mas ele o que me ama**, pois ele entrou no mictório do Edifício-Garagem Menezes Côrtes e **Monsieur Christophe estava lá com a calça no joelho e a bunda arrebitada, pronta para ser penetrada por um garoto dos seus 14 anos com VEPLA-RESIDÊNCIA escrita no bolso da camisa**. E Monsieur Christophe já deve ter seus quarenta e sete anos, e deu pra essa agora. Não acredito não, esse homem já devia dar a bunda lá por Paris nos seus primeiros anos, sabe lá, eu não tenho ilusão. E de mais a mais não tenho nada com isso. **Ele o que me ama diz que um homem como Monsieur Christophe se metesse com ele ele dava um tiro** (NOLL, 2008, p. 60, grifos nossos).

Conforme a citação, podemos destacar a narração das vivências amorosas do ex-esposo de Madame Nicole, bem como o tom de deboche da protagonista ao narrar tanto a morte de sua patroa, quanto às relações sexuais de Christophe. Porém, é bastante representativa a presença de Eduardo no mictório do Edifício-Garagem Menezes Côrtes, sugerindo que ele possivelmente participou da relação sexual, principalmente pela observação atenta de como estava Christophe e o garoto de 14 anos: “Christophe estava lá com a calça no joelho e a bunda arrebitada, pronta para ser penetrada por um garoto dos seus 14 anos com VEPLAN-RESIDÊNCIA escrita no bolso da camisa” (NOLL, 2008, p. 60).

Apesar de não ser tão claro, observamos um comportamento inusitado para quem repudia as relações homossexuais, pois, ele, como descreveu Pretinha, exhibe a sua masculinidade e representa a sociedade machista. Porém, descreve com detalhes o que

aconteceu no banheiro do hotel. Além disso, notamos que a imagem de Eduardo como um homem hétero e galã é exposta e entra em conflito a partir do seu envolvimento com a cena relatada à amante, sugerindo uma omissão da veracidade da história. Na tentativa de limpar a sua possível relação no caso descrito, ele expõe a Pretinha o seu preconceito e homofobia: “Ele, o que me ama, diz se um homem como Monsieur Christophe se metesse com ele ele dava um tiro” (NOLL, 2008, p. 60).

É pertinente, aqui, discutir sobre a identidade sexual. Segundo Anthony Giddens (1993), a identidade se torna problemática na sociedade moderna e em todas as sociedades, pois o homem e a mulher passaram a refletir, de forma aberta, as suas auto identidades, ou seja, se questionam de que lugar pertencem, ou fazem diversas tentativas sexuais para se descobrirem. É esse processo de descoberta que acreditamos ter vivenciado Eduardo no banheiro do hotel e em outras possibilidades não destacadas na narração.

Além disso, conforme Giddens:

A questão é de identidade sexual, mas não apenas isso. Hoje em dia, o eu é para todos um projeto reflexivo - uma interrogação mais ou menos contínua do passado, do presente e do futuro. É um projeto conduzido em meio a uma profusão de recursos reflexivos: terapia e manuais de auto-ajuda de todos os tipos, programas de televisão e artigos de revistas. (GIDDENS, 1993, p. 40-41).

Esse projeto reflexivo faz parte de sujeitos e grupos de indivíduos que buscam conhecimento sobre as suas individualidades no pertencimento de uma determinada comunidade social democrática, que são levados a conhecerem formas de ajudar a si próprios em uma auto identificação sexual contínua, conforme discutido por Giddens (1993). Por isso, Eduardo tem a possibilidade de tentar encontrar à sua sexualidade, àquela que lhe preencha como um indivíduo socialmente ativo e que o faça assumir as consequências de suas escolhas. Porém, quando Eduardo, aparentemente, não relata a veracidade dos fatos à Pretinha, acreditamos que ele está imerso aos preceitos preconceituosos de uma sociedade opressora, responsável por inibir a possibilidade de conhecer a sexualidade individual de cada sujeito.

É tanto que, ao chegar ao Rio de Janeiro com um primo, em um caminhão, o primeiro lugar que Eduardo conhece é um bordel:

O primo o levou no Mangue no dia mesmo da chegada e ele pegou uma gonorreia, diz que teve sorte em não ter sido apanhado por uma doença

pior, é que ele mijou logo depois pra desinfetar como o doutor Ricardo lá do Ceará recomendava e lavou a coisa dele na pia (NOLL, 2008, p. 61).

Ou seja, Eduardo não tem a possibilidade de se conhecer abertamente, mas sim, às escondidas. A sua vida sexual no Rio de Janeiro é imposta pelo primo, que é carregado de preceitos de uma comunidade hétera e, por isso, sem ser relatado qualquer conversa sobre os gostos de Eduardo, o primo o leva para o seu lugar de conforto, espaço a que ele pertence. É válido então destacar que essas tentativas de se conhecer, ou seja, o livre-arbítrio, pertence a sociedade democrática que, segundo Giddens (1993), inicia na época Moderna, momento em que foi possível pensar em sexualidade de forma livre, especialmente, na autonomia sexual feminina, no homossexualismo e no convívio social com comunidades aceitas socialmente.

Já na Pós-modernidade, o processo identitário da sexualidade viabiliza o debate entre os discursos de poder que se modificam à medida que novos interesses são discutidos como, por exemplo, a ascensão das minorias, dos gêneros e a discussão de sexualidade na construção de sujeitos ativos socialmente, que buscam se encontrar. Se pensarmos nas considerações de Foucault (1995), poderemos observar com mais precisão como os discursos de poder atuam como uma máquina que oprime as descobertas da sexualidade individual de cada sujeito. Esses discursos estão relacionados aos propósitos políticos, econômicos e religiosos, que visam à manipulação social contra o processo de descoberta. Porém, conforme Foucault (1995), a sociedade em que hoje estamos inseridos, tenta aceitar a ideia de falar sobre esses processos de descobertas sexuais como algo político.

A partir disso, inferimos que tanto Pretinha quanto Eduardo são personagens oprimidas por uma sociedade que não compreende as suas escolhas de vida. É por isso que as duas personagens centrais assumem faces não pertencentes às suas escolhas, refletindo, então, nas mudanças de comportamento de cada uma. Pretinha que é vingativa por não compreender o seu amante e nem se compreender, e Eduardo que não corresponde às expectativas da sua namorada e vive um processo de descoberta, satisfazendo-se, inclusive, com as vicissitudes do amor que são recorrentes criações.

Além disso, notamos na narração a assimilação do sexo à doença, em suma, à punição: “[...] ele pegou uma gonorreia, diz que teve sorte em não ter sido apanhado por uma doença pior [...]” (NOLL, 2008, p. 61). Inferimos que são as relações sexuais frutos de punições pelas descontinuidades dos seres humanos apaixonados, que unem seus corpos

pela paixão, pelo tesão. Para Bataille (1980), ao discutir sobre o erotismo dos corpos, a punição está na ligação amorosa dos sujeitos, que buscam à felicidade no ato sexual, mas só encontram à violência, o sofrimento, à morte e, porque não dizer, às doenças reais ou imaginárias.

É válido notar que apesar de Pretinha demonstrar certa gana por vingança, motivada por suas constantes inquietações, sendo ludibriada por Eduardo, que busca sempre novas vivências amorosas, ela rende-se aos seus sentimentos e defende o seu amado, afirmando que ele não mataria Christophe por suas escolhas sexuais:

[...] Eu não me preocupo com essas coisas que ele diz porque sei que ele não tem revólver, é torneiro-mecânico e no fundo bem pacato e ordeiro. Comigo é que se faz de besta. Porque sabe que eu gosto tanto dele, admiro tanto a sua cicatriz encostadinha no olho esquerdo, porque sabe que eu o espero aflita a cada novo encontro e remexo os meus guardados pra ver se tem algum brinco, algum colar esquecido, porque sabe disso tudo ele como que me odeia pra me satisfazer. Eu não entendo do que estou dizendo, mas sei que entre a gente tudo se passa assim, uma espécie de crueldade que me elimina e me renova tanto que a cada dia eu fico mais parecida com o que ele gosta de mim (NOLL, 2008, p. 60).

A personagem vive uma mistura de ódio, amor e admiração por Eduardo, relata a sua aflição pela espera do parceiro, fazendo com que fique sempre atenta à sua aparência. No entanto, não compreende os seus sentimentos, principalmente pela demora de Eduardo nos encontros amorosos, sendo tudo muito cruel, mas que a faz se sentir renovada. Na perspectiva de Barthes (2003), esses desconfortos amorosos pela espera do amante, inclusive das possíveis crueldades, fazem parte das tentativas do sujeito entender as suas alterações emocionais quando se depara que está amando, gerando então expectativas do que está acontecendo com o sujeito, bem como a tentativa de compreender o significado do amor:

O que eu acho do amor? - Em suma, não acho nada. Bem gostaria de saber *o que é*, mas, estando em seu interior, vejo-o em existência, não em essência. Aquilo que quero conhecer (o amor) é a matéria mesma que uso para falar (o discurso amoroso) [...] Assim, mesmo que eu discorresse sobre o amor ao longo de todo um ano, poderia apenas esperar apanhar-lhe o conceito “pelo rabo”. (BARTHES, 2003, p. 139).

Nesse sentido, segundo Barthes (2003), o amor é algo individual, pois é vivido de diversos modos e em sujeitos diferentes. As inquietudes de Pretinha, na espera de Eduardo,

revelam a busca por compreensão, principalmente pelas mudanças de suas atitudes em querer estar mais adequada ao padrão, supostamente, esperado pelo parceiro. São, então, recorrências de imagens e pensamentos que fazem com que a personagem viva um amor único, existente apenas no seu campo imaginativo, formulado a partir de esperanças, sensações e lembranças pessoais.

É, então, uma formulação de amor narcisista, pois procura a sua perfeição na imagem do outro, sempre na tentativa de se satisfazer amorosamente. Conforme as discussões de Kristeva (1988, p. 82), “[...] um amor que magnifica o indivíduo, como reflexo do outro inacessível que amo e que me faz ser”, ou seja, o amor como uma imagem do objeto amoroso e, essa imagem, é o que constitui as expectativas do indivíduo na procura por respostas sobre o que sente e o que tem idealizado.

Poderíamos, ainda, tentar compreender essa inquietude de Pretinha em querer ser aquilo que ele gosta nela, a partir do discurso filosófico em Platão (2012), com relação ao amor. O referido discurso parte de conceituações mitológicas para uma questão da alma, do belo, que existe em cada indivíduo. Sem as discussões da alma, na filosofia de Platão, não teríamos possivelmente as conceituações sobre o amor, pois ambas estão correlacionadas em sua filosofia, uma vez que, segundo Platão (2012, p. 87): “Eis a razão porque todos os seres humanos amam é simplesmente e exclusivamente o bem [...] o amor deseja que o bem lhe pertença para sempre”. Dessa forma, é o amor que leva Pretinha a viver essas intensidades de sentir o bem que há em sua alma e, assim, desperta a sensação de prazer, de uma possível mudança interior, de continuar sempre se renovando, mesmo que seja no campo abstrato de sua imaginação.

É a intensidade de ser correspondida, mesmo compreendendo que é uma ilusão viver à espera de Eduardo, que a faz não estar atenta a outros questionamentos sobre o amante, por exemplo, a sua família:

O nome dele é Eduardo. E dizem que de boa família. Eu por mim não sei, ele nunca fala dessas coisas de família, prefere botar um disco e dançar, dança tão bem que eu mesma nem danço. Será por quê? Acho que é porque ele aí ocupa o espaço da minha dança. Mas um dia eu vou espernear, garantir a minha dança pro resto da minha vida e nem olhar pra ele dançando, o corpo dele nem é muito bonito, é musculatura demais pro meu gosto, mas ele gosta assim [...] (NOLL, 2008, p. 60-61).

Nos embalos de uma relação conflituosa, tanto Eduardo como Pretinha tentam conviver com seus espaços individuais, aparentando a luta diária dos dois em se manterem

firmes com as suas realidades pessoais. Pretinha questiona o seu espaço na dança, mas se observarmos atentamente podemos compreender que ela questiona o seu espaço na relação amorosa. É como se Eduardo estivesse ocupando o lugar que não pertence a ele, mas à Pretinha, que continua buscando um local para seguir o fluxo do seu ritmo no relacionamento.

A relação dos dois é impulsionada pelas ilusões da protagonista, sempre presa a vários questionamentos, à vingança e as suas solidões que são sensações criadas a partir de possíveis respostas como, no caso, qual seria o seu espaço na relação. Na verdade, esses questionamentos são, às vezes, o elemento motivador dos seus vazios. Quem norteia o andamento é Eduardo, mas não por escolha dele, e sim de Pretinha que não nota que o relacionamento só é centrado na expectativa dos retornos do seu amante e de suas criações ilusórias, esquecendo de encontrar um ambiente voltado para ela. Podemos citar, como exemplo, a sua vontade de saber como era a garota de programa que ficou com Eduardo:

Toda a vez que eu faço amor com ele me lembro dessa puta e me pergunto como é que ela fez com ele, será que sentou em cima, será que passou a língua e mordeu? Numa dessas noites em que a cama rangia feito uma desesperada eu me lembrei de novo dessa puta e acabei mordendo meu próprio lábio, sangrou mas ele nem reparou. Aí é que tá: eu queria descobrir o sonho dele. Porque ele dorme, há gosta de dormir, vira pro lado e dorme até o dia seguinte como se nada tivesse acontecido, eu queria adivinhar se ele sonha comigo ou com essa puta vagabunda que deve ter passado a língua sim, que deve ter sentado em cima feito uma cadela, que deve ter se rasgado toda que nem um trapo velho. (NOLL, 2008, p. 61).

Observamos que ela não busca o seu espaço na relação, pois tem esquecido dela mesma. Quando tenta ficar parecida com a garota de programa é como se ela reforçasse ainda mais o seu esquecimento, vivendo, então, a sua solidão amorosa mesmo com a presença de seu amante e, devido a sua perturbação, não se encontra na relação. De acordo com Bauman (2004, p. 30), o homem procura se relacionar na tentativa de aliviar as solidões, mas muitas vezes se sente inseguro, sendo, inclusive, normal essa sensação nos relacionamentos amorosos.

A insegurança é um dos sentimentos sempre presente na narração da protagonista, aparentando ser um dos motivadores na relação amorosa. É por isso que Pretinha só retoma a falar de si quando a sua consciência já não suporta mais imaginar quem seria a mulher que se relacionou com Eduardo:

Mas eu tenho cultura, coisa que ela não tem. Eu falo o meu francês pra ele, eu recito aquele poeta que a filha enlouqueceu de amor por um soldado, e recito num francês que dá gosto, a Madame Nicole dizia que não era dos melhores mas também não dava pra envergonhar ninguém. Era francês. Francês sim, quem não sabe não acredita. Pensa que eu enrolo a língua e pronto. E eu sei que eu sei escrever muito bem em português; Não uso as palavras vulgares de todo mundo, sei o que quer dizer cada palavra, não uso nenhuma por usar (NOLL, 2008, p. 61).

Na tentativa de mostrar as suas virtudes e esquecer a outra amante de Eduardo, Pretinha busca se enaltecer das possíveis concorrências. Ela é superior a garota de programa pelo seu francês, pela sua cultura, pela sua escrita e, sobretudo, por não usar palavras vulgares, ou seja, Pretinha não é simplesmente carne que pode ser consumida e, logo, banalizada. Porém, para a consumação do amor essas qualidades não necessariamente demonstram superioridade, a motivação é o desejo de consumir o objeto amoroso, não na perspectiva da falta, mas do consumo imediato, conforme Bauman (2004). É por isso que, mesmo com esses artifícios, ela não compreende o motivo de não ser amparada por ninguém, nem mesmo por Eduardo que não assume um compromisso sério com ela:

Mas quê que eu vou fazer de mim? Continuo aqui, nessa fábrica de eletrodomésticos com francês ou sem francês, com escrever bonito ou não, continuo aqui feito um bicho escondido, ninguém pra me amparar. Porque ele nem saberia como me amparar, é homem que só pensa no que vê, não sabe matutar ao acaso. E por acaso sou feia? Já disse que me faltam uns dentes, mas isso é de somenos, botar uns dentes postiços não custa tanto assim, ainda podia (NOLL, 2008, p. 62).

A sua expectativa de ter um relacionamento fixo é frustrada por, talvez, não corresponder àquilo que Eduardo possivelmente deseja, uma vez que ele vive as suas descobertas e raramente aparece para ficar com a protagonista. Pretinha passa todo o tempo da narrativa pensando, se afogando em suas inquietudes e só no final reencontra o seu amado. Aparentemente, a protagonista ansiava um relacionamento fixo sem ser apenas sexo, ser apresentada socialmente como mulher dele, mas Eduardo só visita a protagonista para consumir um desejo momentâneo. Sua vontade é ser como Luana, uma colega casada com um homem bem visto socialmente, vivendo no exterior e conseguindo realizar os seus sonhos, demonstrando a sua inveja de uma vida a dois bem-sucedida:

A Luana está aqui no Rio de passeio, casada com um nobre, título de duque ou coisa assim, mas está casada e ganhando um dinheirão por desfile, mas vai se ela tivesse ficado aqui no Rio que nem eu assim numa fábrica, estava desdentada, velha e feia. Sou eu que começo a pensar em

mim como uma coisa que podia ser. **Sou eu e ninguém mais e isso arre pia.** [...] Mas sempre foi assim, os que não têm nada têm inveja dos que têm tudo, sempre foi assim e sempre vai ser assim, como dizia Madame Nicole, porque os pobres invejam os ricos, falam mal deles mas se pudessem ter aquele apartamento na Vieira Souto, aquele carro com *Chauffeur*, aquelas joias... **É, a Madame Nicole tinha razão, só tinha, agora eu estou vendo passando por essa inveja nojenta dos que nada têm, mas eu pedi a Deus pra ter tudo, pedi?** Ele me deu tudo porque quis, me aquinhoou, sim, me aquinhoou de privilégios porque Ele mesmo quis, não pedi nada, nadinha, nada mesmo. Foi Ele que deu. Deu porque quis, só Ele quis. Azar dos outros. **É isso que ele não entende e me chama de vaidosa, vaidosa é a mãe, ele se enfurece e grita se eu ofender de novo a mãe dele ele me surra com o cinto e se estiver armado não se responsabiliza** (NOLL, 2008, p. 62, grifos nossos).

Acreditamos que não seja apenas inveja, como afirma Pretinha, é a soma de desilusão e inveja, de não ter conseguido ser outra pessoa, com estabilidade financeiramente e um relacionamento fixo. Conseguir ultrapassar as barreiras sociais pela sua aparência física e, talvez, por sua cor, não é tarefa fácil. Ela acreditava que conseguiria chegar a outros rumos se tivesse novas oportunidades e, principalmente, apoio do companheiro Eduardo, que reage como um intimidador de seus sonhos, ameaçando, inclusive, agredi-la. Eduardo não compreende Pretinha e as suas agressões verbais contra a sua mãe, mas é bem evidente que ela apenas pede socorro e ele não retribui com o incentivo esperado, assumindo um discurso autoritário na tentativa de oprimi-la de suas fantasias.

Na narrativa, a protagonista não se deixa levar por esses pensamentos contrários, ela enaltece a sua beleza como está posta, sem qualquer modificação, bem como de forma irônica diz possuir tudo, pois o que ela possui foi dado por Deus. Demonstra, então, ser uma personagem confusa que vive as suas aflições quando pensa no financeiro, em Eduardo e na sua ausência, porém, quando para e pensa nela, enquanto pessoa, não fala de sua falta de dentes ou de sua cor preta, em um sentido pejorativo, mostra que tem personalidade ativa:

[...] a GOSTOSA! Sei que sou, sou sim, sempre fui, e não é agora nos meus 35 anos que eu vou deixar de ser, eu sei que sou. Sou sim. Quer ver? Aprecia aqui os meus olhos que têm um pouco de verde e de amarelo, onde já se viu uma mulata ter essa cor no olho. Pois eu tenho. E eu nua fico uma paixão, nada fora do lugar, sem mais nem menos. Mas as minhas colegas daqui da fábrica não têm tempo pra notar como eu sou gostosa, mas o que elas têm mesmo é inveja de mim, não sabem o que estão perdendo por não me elegerem a rainha de todas, a única (NOLL, 2008, p. 62).

Pretinha é uma mulher que busca a sua autonomia tanto no amor quanto na profissão.

As suas vivências amorosas e profissionais reforçam a sua personalidade e a constante tentativa de continuar sendo quem ela é. É válido, então, compreender que as instituições sociais são inseridas em seus pensamentos como uma forma de segurança e estabilidade, é o caso, por exemplo, da família ou a presença de um companheiro, aquele que está ali para além do sexo, o típico amor romântico discutido por Giddens (1993). Não tendo como realizar esses desejos, Pretinha se descreve como uma mulher bela, sem estereótipos, mostrando que ela pode não ser rica e, tampouco, ter o homem que merece, mas que, por outro lado, tem caráter.

No entanto, é frágil amorosamente, quando vê Eduardo se entrega de amores, se transforma em uma mulher apaixonada por querer que os seus desejos, quer seja por inveja, quer seja por angústia, se concretizem:

E não é que é ele agora? É, é ele está dizendo a chave na porta, é ele chegando mais uma noite pra me odiar como eu gosto, mas hoje eu vou me fazer de bacana, dizer que eu estou cansada, que eu não quero, hoje não, amanhã quem sabe. Mas aí vem ele, mas meu Deus do céu ele vem chorando, ele chorando eu nunca vi, que que houve bem, chorando assim por quê? E não é que é ele mesmo, **chorando feito uma mulher pobre coitada, eu nunca vi um homem chorando assim**, chora aqui benzinho, vem cá, que que houve, diz, conta desabafa, a tua neguinha tem dó, assim, aqui, chora, chora tudo, conta, desabafa, reage porque **esse mundo é filho-da-puta mesmo**, reage amor, conta tudo tudinho pra tua neguinha do coração, **ela não é a tua neguinha do coração?**, que que houve, não esconde de mim, **ela te quer bem, vai te fazer um café quentinho, bem quentinho, fumegando, fumegando é uma palavra que quer dizer tão bonito sabe, ó, escuta, fumegando, fumegando, não gosta amor?, ó, vê se escuta, fumegando, fumegando, subindo pros céus, lá vai tudo fumegando, o cigarro fumea, a fábrica fumea, a gente fumea, o mundo todo fumea, ó, a gente está fumegando**, subindo pros ares, não está vendo como é bonito, como é bonito saber dizer fumegando e ir subindo assim que nem fumaça que se perde de vista hein bem? Não é bonito? Hein?, não é bonito bem? – mas meu bem, que desânimo é esse, ó, olha aqui a tua pretinha, ela é só tua e está fumegando contigo, eu e tu fumegando, repara só aquela nuvem, não é assim que se anda de avião? (NOLL, 2008, p. 64, grifos nossos).

Percebemos que Pretinha muda de personalidade, não é mais a mulher vingativa, ativa e tão autêntica, uma vez que ela incorpora um padrão submisso, de total entrega a Eduardo, assumindo discursos questionáveis: “[...] é ele mesmo, chorando feito uma mulher pobre coitada, eu nunca vi um homem chorando assim [...] esse mundo é filho-da-puta mesmo [...] ela não é a tua neguinha do coração? [...]” (NOLL, 2008, p. 64)”. Após as perturbações de seu exílio imaginário, a protagonista assume a face machista de que só

quem chora é mulher e que o mundo é “filho-da-puta”, remetendo uma imagem grotesca de fragilidade feminina, romântica e submissa incorporada por Eduardo, um suposto homem másculo.

A personagem é constituída de muita desilusão amorosa, ela aparentemente já não consegue renunciar os seus impulsos de consumo, está fragilizada amorosamente e quer viver a dois. Por isso, assume um discurso preconceituoso na tentativa de dialogar com o seu amado, crendo, talvez, que seja a realidade do mundo em que Eduardo esteja inserido, que vê mulher como frágil e é cheio de piadas preconceituosas. De fato, Pretinha muda, assim como o significado de “coisa”, pois vivencia constantes modificações em seu comportamento, oscilando entre uma mulher decisiva, mesmo com tantos fluxos de consciência, e uma mulher passiva, que quer viver um amor sem mágoas.

É válido, também, destacar a relevância do verbo fumar, assumido pela personagem protagonista para acalmar a situação em que Eduardo se encontra. É bem representativo que tudo o que fuma se relaciona a cor preta: o café, a fumaça do cigarro (cinza e preta), a fumaça das fábricas e, possivelmente, eles dois, remetendo mais uma vez a simbologia da cor negra como uma representação de promiscuidade sexual. Porém, o fumegando nos remete, além disso, ao impulso desejoso de Pretinha, querendo consumir as suas vontades naquele instante, tentando mostrar para o amante que tudo se encaixa e que ela está ardendo de paixão, assim como os seus exemplos por estarem em constante atividade.

Breves conclusões

Dessa forma, podemos concluir que é a inércia do seu amante que Pretinha já não suportava mais. Ela convivia ainda com a possibilidade de mudança pessoal e amorosa, pois desde sempre os seus sentimentos foram sustentados pela ausência de Eduardo, vivendo uma vida solitária e pensativa, querendo ser correspondida naquele curto e único encontro da narrativa. Assim, a ausência, a inércia e a desilusão amorosa motivaram as recordações e as lembranças das conversas anteriores, envoltas em tons de revoltas e de querer entender o que se passava com ela, na sua vida pessoal, e com as faltas de correspondências de Eduardo. De fato, as experiências da protagonista resultaram em um verdadeiro exílio imaginário, conforme Barthes (2003), pois as suas sensações amorosas foram se estruturando em suas mágoas, tristezas e vinganças, mas desejando intensamente a paixão

amorosa.

REFERÊNCIAS

- COSTA PINTO, Manuel. **Manual da Literatura Brasileira hoje**. São Paulo: Publifolha, 2005, p. 118-120.
- BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Tradução de Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fonseca, 2003. Falta o Barthes 2007
- BAUMAN, Zygmunt [1925]. **Amor líquido**: sobre a fragilidade das relações humanas / Zygmunt Bauman. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2004.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI Escolar**: o minidicionário da língua portuguesa. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Grall, 1995.
- FRIEDMAN, Norman. **O ponto de vista na ficção**: o desenvolvimento de um conceito crítico. Tradução Fábio Fonseca de Melo. Revista USP, São Paulo, n. 53, p. 166-182, mar./maio, 2002.
- GIDDENS, Anthony. **A transformação da Intimidade**: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.
- HOOKS, BELL. **Intelectuais negras**. Estudos feministas, n.2, p. 469, 1995.
- KRISTEVA, Julia. **Histórias de amor**. Tradução e introdução L. T. da Motta. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988
- NOLL, João Gilberto. **O cego e a dançarina**. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- PLATÃO. **O Banquete**. Tradução, apresentação e notas Edson Bini. São Paulo: EDIPRO, 2012.
- OVÍDIO. **A arte de amar**. Tradução de Dúnia Marinho da Silva. Porto Alegre: L&PM, 2006.